

VILARINHO de São Roque

Albergaria-a-Velha

O som da água a correr, verde a perder de vista, moinhos que ainda rodam, trilhos pela floresta e margens do rio, simpáticos espantalhos, comida que aconchega e habitantes cujas estórias contam a história da aldeia são tudo marcas identitárias de Vilarinho de São Roque, a única Aldeia de Portugal no concelho de Albergaria.



Texto e fotos: Beatriz Ribeiro

A vista para campos com agricultura em socalcos, pontuada por pequenas habitações e rematada pelo tranquilo correr do rio Fílveda, com fundo de floresta rica em eucaliptos e pinheiros são marca da beleza natural de Vilarinho de São Roque, a única Aldeia de Portugal no concelho de Albergaria-a-Velha, na freguesia de Ribeira de Fráguas.

A fertilidade da aldeia encaixada na serra do Arestal explica-se pela proximidade ao rio, capaz de sustentar abundantes campos de cultivo, sobretudo de milho, colhido e posto a secar em canastros dos mais genuínos, elemento que ainda pontua a paisagem de Vilarinho e servia, e serve, igualmente para guardar instrumentos de trabalho agrícola.

“Vilarinho sempre teve uma cultura extensiva de agricultura de subsistência: milho, centeio, trigo, abóboras, feijão, hortícolas e pomares: todas as casas têm, no mínimo, uma macieira ou laranjeira à porta”, detalha Carla Castro, presidente da Avilar – Associação para a Promoção e Desenvolvimento

da Aldeia de Vilarinho de São Roque, em conversa com o Jornal de Albergaria (JA).

Depois de repousar nas pequenas casotas elevadas, com paredes feitas de madeira, o milho é transformado em farinha nos moinhos de água, marco patrimonial da aldeia e do concelho, sendo Albergaria o município da Europa com maior número de moinhos inventariados. Contaram-se 356.

Os Moinhos do Regatinho, em Vilarinho de São Roque, são ponto de paragem obrigatório para quem se aventura pela Rota dos Moinhos de Albergaria. O núcleo é composto pelo Moinho da Quingosta e Moinho do Silva, ainda hoje utilizados por alguns habitantes para moer farinha para alimentar o gado ou para a cozedura de produtos tradicionais, como a broa.

Os moinhos pertencem aos atuais proprietários, não são de uso comuni-

Os canastros são símbolo que resiste da centralidade da agricultura em Vilarinho de São Roque



tário. No entanto, desde a assinatura entre a Avilar e a Câmara Municipal de Albergaria, a propósito da Rota dos Moinhos, que a preservação dos engenhos e manutenção da limpeza do espaço tem sido um trabalho conjunto.

A divisão do tempo de usufruto de moinho por cada proprietário resulta de herança passada entre múltiplas gerações, estando as horas muito fracionadas por anos de partilhas, o que explica a quantidade de utilizadores do engenho, datando os moinhos de meados do século XIX.

BROA ESPECIAL

“Os Moinhos mantêm-se muito idênticos ao que eram, mas agora têm visitas e são utilizados por menos pessoas. Continuam a servir para moer farinha e partir milho. Eu lembro-me que, quando era miúda, no verão, como era preciso regar os campos com água do rio, a água não chegava ao moinho. Como de dia a água não chegava, moía-se de noite”, lembra Carla Castro.

O milho aqui moído era e é central para a gastronomia local. Mas, há milho e milho. Valentim Silva, presidente do Rancho Folclórico de Ribeira de Fráguas, grupo responsável pelos moinhos com pouso no Parque de Merendas da freguesia – Moinho de Bairo e Moinhos da Quinta da Ribeira – contou-nos que, atualmente, é mais comum moer cereais para alimentar gado porque o “milho branco ou regional” para fazer a broa “é mais difícil de encontrar e, quando se tenta cultivar, os javalis comem-no”, relatava.

Carla Castro bem sabe e tem o seu protegido, sempre pronto quando chega o momento de fazer broa. É este milho branco que torna tão especial a broa que aqui se amassa, pelas mãos sábias que acumulam o dom e conhecimento dos antigos. “Nós temos uma broa maravilhosa. É uma semente antiga que não se perdeu”, reforça. Para além da broa, como lembra



Paradise Property

Carla Castro, há uma iguaria pouco mencionada em roteiros turísticos – as típicas papas de carolo.

As regueifas, cavacas e mel são igualmente centrais no cardápio de doçaria tradicional. “A forma como os doces (bolos de gema) e as cavacas são confeccionados aqui tem um toque muito próprio, isto porque houve um confeitoiro, há muitos anos, o Tio Zé das Cavacas, que trouxe essas receitas de Silva Escuro, de onde era natural, e a família continuou a replicar as receitas”, relata. Estas são iguarias obrigatórias na Páscoa e Festas de São Roque.

No campo das refeições completas são típicas a vitela assada com arroz de forno a lenha, ensopado de vitela ou de galo, cabrito assado no forno, rojões com papas de farinha de milho, cabidela de frango, enchidos ou a massada de galo no forno.

“Temos pratos fabulosos”, assegura Carla Castro. Como prato comum no dia-a-dia da aldeia, a presidente da Avilar aponta o “escoado”, feito com base de batata e verdura da época, “couve ou nabijas no inverno e feijão-verde no verão”, tudo cozido e servido com peixe.

DESCOBRIR A CAMINHAR

A melhor forma de aprender sobre a história da aldeia é conhecer-lhe os cantos e recantos em passeio, sem pressas, seja de forma espontânea ou seguindo os percursos pedestres que atravessam Vilarinho: Trilho do Linho e o dos Três Rios – Rio Fílveda, Caima e Pequeno.

O **PR1 - Trilho do Linho** começa na antiga escola primária da aldeia, inaugurada em 1963 e hoje convertida no Centro de Atividades Radicais e Ambientais de Vilarinho de São Roque. O passeio estende-se por 2,5km de caminhos e carreiros em tempos utilizados para chegar aos cultivos da planta que dá nome ao percurso, de grande importância para a economia familiar até meados do século XX.

O percurso, de exigência física baixa, é igualmente uma oportunidade para a imersão na paisagem florestal onde predominam os pinheiros e eucaliptos, sempre ao som da água a correr e com passagem pela bela cascata do rio Fílveda. O Trilho não esquece os Moinhos do Regatinho, um verdadeiro cartão de visita da aldeia, onde para após passagem pela Capela dedicada a São Roque.

Já os 4,1 km do **PR 2 – Trilho dos Três Rios** faz-se pelas margens dos cursos de água e explora a fau-

na e flora que nelas encontram lar. O passeio, com o mesmo ponto de partida que o PR1, percorre pontos emblemáticos da aldeia e da freguesia de Ribeira de Fráguas, como a Ponte do Lagar de Azeite, em Telhadela; e o Cabeço dos Mouros, que o leva, à Mamoa de Castro, um monumento megalítico encontrado na região.

As Minas do Palhal são também ponto de passagem, descobertas em 1744 por ingleses e onde se diz existirem vestígios de indústria metalúrgica do tempo dos mouros. Em 1769 foram abandonadas devido a uma cheia do Caima e foi em meados do século XIX que passaram a ser exploradas pela Companhia Lusitana de Mineração, que produzia cobre, galena de chumbo, blenda, níquel, cobalto e alguma prata. Os poços eram de grande profundidade, as galerias ex-

Trilho do Linho

Distância: 2,5 Km **Duração:** 1h00 **Tipo:** Circular **Dificuldade:** Fácil

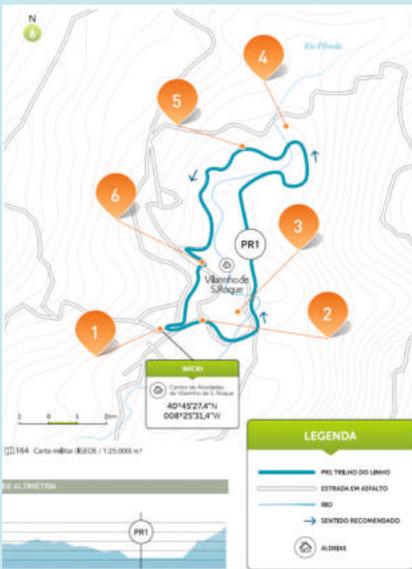
PR1
ABL



Com início e fim no Centro de Atividades Radicais e Ambientais de Vilarinho de São Roque, outrora escola primária desta Aldeia de Portugal, o trilho de 2,5 quilómetros em formato de raquete e em sentido circular, percorre a natureza, o património e as tradições deste lugar.

O caminho segue em direção ao vale, passando na Capela de São Roque. Continua pela estreita rua do Lugar de Baixo com destino ao rio Fílveda e aos moinhos do Regatinho. Ao longo deste percurso tem a oportunidade de ver a cascata e o vale encaixado, que são as imagens de marca de Vilarinho de São Roque assim como a agricultura em socalcos e uma mancha florestal marcada por eucaliptos e pinheiros.

A montante, o trilho leva o visitante pela antiga levada do açude da lavoura, que antigamente era utilizada para fazer chegar a água aos campos de cultivo. Chegado a este ponto, começa o caminho de regresso à aldeia, por zona florestal e por onde passa por típicas alminhas e pelo carreiro do Tendal, lugar onde era cultivado e preparado o linho. Pode fazer este trilho em qualquer altura do ano, sendo aconselhada especial atenção e precaução às elevadas temperaturas, que se podem fazer sentir no verão, e do piso escorregadio no inverno.



LEGENDA

- PR1 TRILHO DO LINHO
- ESTRADA EM ASFALTO
- RIO
- SENTIDO RECOMENDADO
- A ALDEIA



CASA DO PROFESSOR

**SUA COVA DO BARRO - VILARINHO DE
SÃO ROQUE, RIBEIRA DE FRÁGUAS,
3850-717
ALBERGARIA-A-VELHA, PORTUGAL**

PARA UMAS FÉRIAS NO CAMPO, COM A
PAZ E TRANQUILIDADE DA NATUREZA À
SUA PORTA



**RESERVE
COMO SUO**

☎ 910000000 | 910000000 | 910000000
🌐 gratidigrama.pt | www.comodograma.pt



[@casadoprofessor](https://www.facebook.com/casadoprofessor)



tensas e os filões chegavam a atingir um metro de espessura.

Após passar por várias mãos, em 1883 foi adquirida pela sociedade anónima The Palhal Mining Company, também de capitais ingleses, chegando a empregar 300 pessoas em 1858, incluindo os trabalhadores dos carreiros que faziam o transporte, quando estava sob alçada de José Ferreira Pinto Basto, após o cidadão espanhol Sebastião Gargamala lhe ter cedido os direitos de exploração, por juntos terem apostado no negócio. Hoje, restam apenas vestígios desta grande indústria.

Outra referência ao trabalho mineiro no percurso é o Açude dos Ingleses, que em tempos idos era uma roda movida pela força da água que acionava o elevador do poço das minas do Coval da Mó, que funcionavam no concelho vizinho Sever do Vouga, próximo da freguesia de Ribeira de Fráguas.

LOCALIDADE É RAINHA DA FESTA

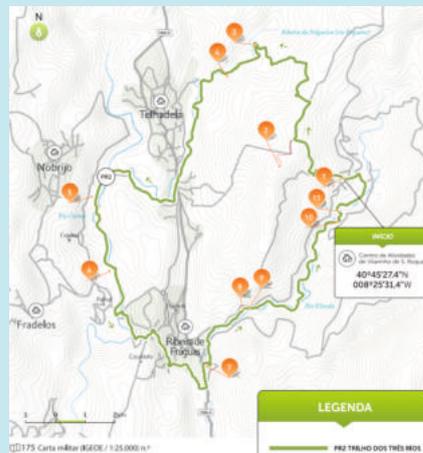
De volta ao centro da aldeia, onde ainda tanto há para explorar, a atenção volta-se para o edificado modesto de estilo tradicional rural, chafarizes em excelente estado de preservação, as alminhas e os originais espantalhos que, ao invés de cumprirem a função original de afugentar visitantes indesejados dos cultivos, convidam quem chega, empregando cómicas expressões e vestes a rigor.

Os amigos espantalhos, fitas multicores e fotografias da vida rural de hoje e do antigamente enchem Vilarinho nas Festas de São Roque, celebradas no fim-de-semana a seguir ao dia do Santo, 16 de agosto, na zona central do povoado, junto à Capela dedicada ao santo, mesmo em frente ao Coreto, palco do certame do padroeiro da terra desde o século XVII.

Apesar de o programa variar de ano para ano, as Festas incluem sempre elementos que espelham a história e essência do coração rural da aldeia, como

Trilho dos Três Rios

Distância: 14,5 Km Duração: 4h50 Tipo: Circular Dificuldade: Difícil



O caminho inicia-se no Centro de Atividades Radicais e Ambientais de Vilarinho de São Roque. O caminho segue em direção à ponte do Lagar de Azeite, no Lugar de Telhadela, passa no Cabeço dos Mouros,

onde, se fizer um desvio de 800 metros, pode encontrar vestígios do monumento megalítico da Mamoia de Castro. Mais à frente depara-se com as ruínas do Lagar do Azeite, a Ponte do Barro Negro e o Moinho do Souto, ainda em funcionamento. Chegado a Telhadela, pode conhecer diversos moinhos desativados, próximos do complexo das Minhas do Palhal e de onde pode observar a Ponte Negra. Segue em direção à Ponte do Palhal, que liga as freguesias da Branca e de Ribeira de Fráguas e onde pode vislumbrar o Altos dos Barreiros com uma vista panorâmica sobre o vale.

Em Ribeira de Fráguas fica a conhecer a Igreja Matriz de S. Tiago e a Casa Museu do Rancho Folclórico. Ainda consegue passar pelo Parque dos Moinhos, onde é possível ganhar um novo fôlego, petiscar e conhecer três moinhos de água em funcionamento. O trilho continua com uma subida do rio Filveda até encontrar o Cabouço, uma antiga mina.

atuações de grupos locais e concelhios, visitas aos Moinhos e banquinhas recheadas de iguarias regionais e artesanato.

Nesta festa de verão destaca-se a iniciativa “Almoço/Jante connosco”, na qual os habitantes de Vilarinho abrem a porta do seu lar a quem queira desfrutar de uma refeição caseira, feita pelos próprios anfitriões.

Pub.



O certame tende a ser celebrado no âmbito do projeto “Há Festa na Aldeia” do Aldeias de Portugal ou sob o nome “Vilarinho em Festa” quando fica totalmente a cargo da Avilar – sendo que, acaba por ser sempre a Associação a reunir as tropas para que a festa se realize.

Para o fim do ano, o “Há Natal na Aldeia” trata de decorar as ruas com enfeites festivos e o “Coro de Aldeia” de cantar as janeiras. Na primavera, durante o “Ajudinar a Aldeia” espalham-se flores por Vilarinho.

ASSOCIAÇÃO QUE CUIDA

Entre simplesmente existir de forma autêntica às tradições e busca de novas formas de preservar o património para o testemunho passar, já lá vai mais de uma década desde que Vilarinho de São Roque entrou no rol de Aldeias de Portugal. Foi em 2012 que recebeu a distinção, mesmo ano de nascimento da Avilar.

“A Associação surgiu como uma resposta natural à candidatura de Vilarinho de São Roque a Aldeia de Portugal e tem sido um elo de ligação entre as entidades que promovem esta iniciativa e a população, as

personas da aldeia”, explica Carla Castro, não só presidente do coletivo, mas também uma das fundadoras.

O Aldeias de Portugal descreve-se, no website oficial, como “um conjunto de lugares” que valoriza “o passado e os recursos locais, em simbiose com o conforto e as novas tecnologias” e visa impulsionar o interior “como destino de excelência”, reivindicando como potencialidade a sua diferença.

“A importância desta distinção é premiar um desenvolvimento de há muitos anos, um trabalho de toda a população, que não é só das associações ou autarquias. Sem as pessoas locais nenhuma destas distinções ou atividades seriam possíveis”, lembrava e louvava Carla Castro, em entrevista ao Jornal de Albergaria, aquando da renovação da distinção da ATA, em 2022.

FOTOGRAFIAS ÚNICAS

Para não esquecer o que havia antes, Carla Castro preserva um precioso pedaço de história local – as imagens captadas pelo pai, João Caetano Castro, o primeiro homem a ter uma máquina fotográfica

Pub.



ALDEIAS DE PORTUGAL

VILARINHO DE SÃO ROQUE
- ALBERGARIA-A-VELHA -

ALBERGARIA A-VELHA MUNICÍPIO

SERVIÇO DE TURISMO
234 529 751
TURISMO@CM-ALBERGARIA.PT



na aldeia e provavelmente na freguesia, em meados da década de 60, instrumento que trouxe do Brasil, onde esteve 25 anos.

A típica cerimónia que pautava o momento de ir ao fotógrafo, com a melhor roupa de domingo, impecavelmente engomada e nenhum cabelo fora do sítio, caras sérias e poses formais, não chamavam à atenção da lente de João. O homem cheio de mundo virava a objetiva para o povo e para momentos de trabalho na terra. “Foi registando trabalhos na lavoura, arrancadas do linho, vindimas, roçadas de mato, apanha de cereais, tratar do milho na eira...”, detalha Carla Castro.

O tempo transformou os casuais disparos fotográficos em raros registos da vila rural de Vilarinho de São Roque, uma memória física que muitos lugares não tiveram a sorte de construir e um exemplo inegável de que a história se faz do quotidiano e que a vida das famílias se confunde com a dos territórios que habitaram e moldaram.

A irreverência de João Caetano Castro não se es-

gotava na fotografia. “Ele viveu um tempo diferente do nosso aqui na aldeia. No Brasil, vivia numa grande cidade, que era Santos, e tinha uma carrinha pão de forma daquelas Volkswagen. Há fotografias dele na praia, aqui na Torreira, em que os homens estão todos de calças e camisa e as mulheres de saia e de blusa, e o meu pai já ia de calções de banho. Ele vinha com uma mentalidade completamente diferente e fez esses registos e muito bem”, elogia.

O vasto espólio fotográfico foi filtrado por Carla Castro de modo que algumas imagens fossem incluídas no projeto Memórias da Aldeia, “que todos os anos estão expostas nos eventos que fazemos em Vilarinho”, juntamente com registos de Jorge Bacelar, fotógrafo e veterinário natural de Figueira de Castelo Rodrigo, conhecido pelas impactantes imagens da vida rural nacional.

VILARINHO NA PRIMEIRA PESSOA

“Eu vi a aldeia mudar completamente. Quando era miúda, havia engarrafamentos de carros de bois aqui

Pub. _____



nas ruas do lugar de Baixo e agora, quando há, são engarrafamentos de carros. Na altura, havia uma pessoa com um trator. De resto, o trabalho da lavoura era todo feito com bois. Toda a gente tinha uma vaca leiteira, ovelhas, cabras... era diferente. Os terrenos eram todos cultivados e agora arrisco-me a dizer que 85% dos terrenos cultiváveis estão ao abonado, bem como a floresta”, alerta Carla Castro.

Como em todo o lado, o tempo passa e deixa marca. Em Vilarinho de São Roque mudam-se os tempos, mas não se mudam as vontades de manter vivas as tradições do povoado. Quem de novo chega não se desliga da terra e não a deixa morrer. “Houve uma altura em que pensava mesmo que, em poucas décadas, a aldeia ia desaparecer. Felizmente, têm-se fixado alguns casais mais jovens aqui. Durante muitos anos, não havia crianças na aldeia e hoje temos oito crianças”, conta.

Carla Castro atribuiu esta procura a uma fuga dos sítios mais afetados pela crise na habitação e pela busca de um estilo de vida mais saudável. Para além disso, a natural de Vilarinho de São Roque lembra que a aldeia, apesar de distante da sede do concelho, está a menos de 20 minutos do centro da cidade de Albergaria, encontra-se perto de Aveiro e com acesso fácil ao Porto. Aproveite-se a calma da aldeia sem perder a energia da cidade.

Para ouvir mais e de mais perto a história de Vilarinho de São Roque, explore o projeto Memória para Todos, conduzido por alunos da FCSH da Universidade Nova de Lisboa, que escutou e recolheu as estórias e memórias de: Glória Bastos, Carla Castro, Edviges Silva, Décio Amaral, Amélia Castro, Alexandre Pereira, João Bastos, André Castro, Maria Gomes, Hélder Castro, Afonso de Castro, Manuel Vidal Marques, Maria de Castro Lopes, Anabela Vidal e Henrique Caetano, atual presidente da Junta de Freguesia de Ribeira de Fráguas.

“Os testemunhos recolhidos recordam, entre outros, o passado e as transformações sentidas na al-



Os Moinhos do Regatinho ainda moem para alimentar o gado e fazer a típica broa.

deia, as práticas agrícolas e os esforços para preservar a memória da atividade moageira, bem como os impactos da emigração e da Guerra Colonial”, escrevem, em jeito de convite para uma viagem por estas vozes vivas de Vilarinho.

Fontes: Jornal de Albergaria (arquivo), Município de Albergaria, Aldeias de Portugal, Blog de Albergaria, Green Trekker, Notícias de Aveiro, Memória Para Todos

Pub. _____

